

FACULDADE  
DE CIÊNCIASFUTURO A PASSO DE CARACOL  
TRINTA ANOS PARA CONSTRUIR  
COMPLEXO NO CAMPO GRANDE?

DISTRIBUÍDOS por três edifícios distintos, alguns sem condições, cerca de três mil alunos, 300 assistentes, 200 funcionários e 180 docentes, encaram o futuro com apreensão, enquanto esperam ansiosamente a conclusão das obras no Campo Grande, para futura instalação da Faculdade de Ciências de Lisboa. Actualmente apenas um edifício está a funcionar, outro em construção, e para completar o complexo falta ainda erguer uma biblioteca, blocos para serviços administrativos e para a Associação de Estudantes, auditórios e vários institutos de investigação.

Mas se as obras estão assim «adiantadas», isso fica a dever-se a um incêndio que devastou uma área das instalações na Rua da Escola Politécnica, em 1978, que continua a servir toda a população da Faculdade, a par de salas na 24 de Julho e no C 1 (Campo Grande). Mesmo assim, conclui-se de uma carta enviada pela Assembleia de Representantes da FCL, «serão necessários aproximadamente 30 anos, ao ritmo actual de construção», para as instalações definitivas estarem concluídas, pese embora o Ministério desde sempre se apresente sensibilizado para o assunto, como nos garante o respectivo gabinete de imprensa. A realidade futura, essa, avança de facto a passo de caracol.

A passagem atrás referida, reporta-se a uma carta recentemente endereçada ao Primeiro-Ministro e ministro da Educação, pelo presidente da assembleia de representantes da Faculdade que congrega docentes, discentes e funcionários da FCL, Marieta da Silveira, que a define como «mais um alerta para um caso grave: a FCL é o local por excelência para a prática de investigação em Portugal e, actualmente, não existem condições para o fazer».

A necessidade de lembrar aos sucessivos responsáveis a gravidade do problema não tem sido esquecida e, aliás, será um dos poucos factores que regista consenso entre os diferentes organismos representativos da Faculdade. De facto, repartidos por instalações na Avenida 24 de Julho, na Rua da Escola Politécnica, e no novo edifício em funcionamento no Campo Grande, os «utentes» daquele estabelecimento de ensino são unânimes em manifestar as suas preocupações.

«Há alunos completamente desmotivados», diz-nos Vasco Noronha, presidente da Associação de Estudantes da FCL. «Temos de nos deslocar de um para outro edifício no mesmo dia e, por vezes, sem tempo sequer para as viagens, pois quase todos têm aulas em pelo menos duas instalações diferentes. Mesmo o trabalho da associação junto dos colegas é dificultado porque dificilmente nos contactamos. Pior é que nos sentimos le-

saados no nosso futuro quando depressamos com a falta de condições que não permitem um trabalho em condições mínimas de docentes», conclui.

A dispersão torna-se, assim, a questão com maior urgência em ser resolvida, sem o que, como sublinha Marieta da Silveira, a FCL se torna «antipedagógica, inconcebível logisticamente e, até, ingovernável administrativamente», sendo também citado que «o «numerus clausus» não aumenta, com todas as consequências no futuro científico nacional que acarreta a situação, por manifesta falta de espaço».

## Só incêndio impõe resolução

Na origem de tal situação, uma história que remonta à década de 50, quando se prepara uma reestruturação nos estabelecimentos de ensino superior, e que permitirá começar as obras da cidade universitária: o incêndio em 1978. Adiado até à data, o complexo do Campo Grande,

só «através» das chamadas conseguidas por iniciativa da sua construção. Para o Ministério da Educação foi a conclusão de que os trabalhos de arranque para a nova Faculdade de Ciências não podiam esperar mais.

«Ai é que não puderam ir mais longe e continuar a adiar», salienta o prof. Carlos Rumariz, presidente da comissão de reestruturação e novas instalações da FCL. «Perante o desastre tiveram de se socorrer das instalações do Ministério da Educação na 24 de Julho, e começaram a construir o primeiro edifício do Campo Grande».

Provisória, a situação traz consequências que todos deploram. «Na 24 de Julho, as instalações não estavam preparadas para serem salas de aulas (estavam

previstas para escritórios) quanto mais para se adaptarem a laboratórios», argumenta o presidente da CRN. Perante as condições, alunos e professores vêem-se obrigados a deslocarem-se de edifício para edifício sempre que são necessárias certas investigações, que não podem ser feitas senão na Rua da Escola Politécnica, ou até, em caso de aulas, para grandes au-

ditórios, pois não existem salas apropriadas no prédio de Alcântara.

Outro problema merece entretanto atenção: aqueles que se dedicam à investigação fora de aulas, assistentes e professores, têm de se socorrer de outros laboratórios pertença de instituições alheias à Faculdade, como é o caso do LNETI, LNIC, IST. «Só em tempo perdemos uma fortuna em matéria de investigação científica, isto para não falarmos do dinheiro gasto em transportes e de estarmos sujeitos às condições dos laboratórios que utilizamos».

Quanto ao edifício do Campo Grande — C 1 —, em funcionamento desde 1984, reconhece as suas actividades deste ano não sem antes se terem detectado dois problemas graves, cuja existência não se compreende se atendermos a que o Estado, autor e financiador do projecto, era também responsável pela fiscalização.

«Contrariamente ao parecer dos professores que colaboram com os seus companheiros no projecto do complexo — relata Marieta da Silveira — os empreiteiros colocaram canalizações nos laboratórios, idênticas às das habitações (uma espécie de plástico), de modo que os agentes corrosivos, que por vezes utilizamos em experiências, destruíram os tubos». Outros «percalços» que se verificam no C 1, é o da ventilação do edifício: «Vimos a verificar que o ar que refrescava o edifício provinha de uma conduta que o ia buscar junto das saídas das chamadas «minas» dos laboratórios. Essa situação, a continuar, poderia provocar um acidente tão grave como o que aconteceu num laboratório em Lisboa, há poucos anos», dispõe Marieta da Silveira, referindo-se à morte de um assistente num laboratório do LNETI.

## Cantina é prioridade

Estes problemas foram entretanto resolvidos, e o projecto avança já na construção de um segundo edifício — C 2 — para albergar os alunos que actualmente se encontram espalhados pelas instalações de Alcântara e Escola Politécnica. Do gabinete de Imprensa do Ministério da Educação, garantem a conclusão do C 2 «para Outubro de 1988. O Ministério está a tratar também de incluir uma verba, orçamento desse ano, para que se comece a construção da cantina que deverá estar concluída em 1987».

A opção da cantina, que assim ultrapassa a construção dos institutos de investigação, a biblioteca e as instalações para os alunos, biblioteca e serviços administrativos, não parte do ME, mas dos professores e alunos da FCL. «Concluímos que a prioridade era a cantina, porque no Campo Grande só existe uma, que se encontrava superlotada já antes dos alunos do C 1 a utilizarem, quanto mais agora», justifica Carlos Rumariz. Na realidade, o refeitório, conhecido por Cantina Velha, mantém-se há anos como ponto de discórdia entre os utentes e a reitoria, e mesmo com o próprio Ministério da Educação, registando-se sucessivas greves e outras manifestações por parte dos primeiros contra a degradação de serviços.

O ponto de discórdia que se tem verificado entre os representantes da Faculdade de Ciências e o Ministério da Tutela, prende-se pois com o tempo, aqueles reclamando a urgência da conclusão das obras, porque não podemos continuar a viver situações provisórias com graves consequências no futuro, como é posição de docentes e alunos, enquanto os últimos, baseando-se nas finanças do País, falam de falta de verbas, mostrando-se ambos esperançados com a nova estrutura do ME: «Pode ser que agora, com o Equipamento Escolar na dependência do Ministério da Educação, tudo se resolva rapidamente», pressagia Carlos Rumariz. «Temos tido contactos com o secretário de Estado do Ensino Superior e sempre mantivemos as melhores relações com o director-geral do Equipamento Educativo, por isso vamos esperar. Isto não quer dizer que não continuemos a pressionar; temos de abandonar estas instalações (no edifício da Escola Politécnica) e transformar definitivamente isto num museu», diz ainda, referindo-se ao futuro Museu da Ciência, que já dá os primeiros passos.

Dia

|    |
|----|
| 1  |
| 2  |
| 3  |
| 4  |
| 5  |
| 6  |
| 7  |
| 8  |
| 9  |
| 10 |
| 11 |
| 12 |
| 13 |
| 14 |
| 15 |
| 16 |
| 17 |
| 18 |
| 19 |
| 20 |
| 21 |
| 22 |
| 23 |
| 24 |
| 25 |
| 26 |
| 27 |
| 28 |
| 29 |
| 30 |
| 31 |

Equipamento - Instalações

Univ. Lisb. (fac. ciências lisboa)